



CONSIDERAÇÕES SOBRE A CARTOGRAFIA ESCOLAR E O DESENVOLVIMENTO DA GEOGRAFIA ESCOLAR NO PERÍODO DA ESCOLA NOVA (1930-1943)

Diego Carlos Pereira¹

diego-carlinho@hotmail.com

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo contextualizar e discutir os arcabouços históricos, sociais e culturais que envolveram a constituição da Geografia no ensino secundário a partir da cartografia escolar de obras de Delgado de Carvalho enquanto representação e linguagem simbólica da identidade da disciplina na escola. Por meio de pesquisa documental e bibliográfica, os indícios mostraram que os mapas presentes nas obras de Delgado são pautados dialeticamente pelo “positivismo educacional” e pela “modernização conservadora” enquanto materialidade simbólica da disciplina.

Palavras-Chave: Cartografia Escolar, História da Geografia Escolar, Delgado de Carvalho, Escola Nova.

1. Introdução

As pesquisas no âmbito da história da Geografia escolar têm se delineado como uma linha de pesquisa que se dedica não somente ao registro da memória da disciplina e suas marcas históricas, como também à compreensão da construção da identidade da Geografia enquanto disciplina escolar ao longo do tempo, apontando para a sua constituição simbólica e cultural. A cartografia escolar, nesse sentido, emerge como um desses símbolos da constituição identitária da disciplina.

¹ Diego Carlos Pereira é Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal Goiano, campus Campos Belos em nível médio e de pós-graduação na área de Geografia. Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Rio Claro/SP), Mestre em Educação e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM/Uberaba/MG). Esta pesquisa contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Realizou estágio de pesquisa doutoral na Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) em Madrid/Espanha no ano de 2018, participando do Proyecto Manes e estagiando no CEINCE (Centro Internacional da Cultura Escolar).

Este artigo insere-se no contexto de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento intitulada “Uma tecitura narrativa sobre a história da geografia escolar: livros escolares, currículo e produção cultural no brasil entre 1930 e 1969”, desenvolvida na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Rio Claro) no âmbito do Programa de Pós-graduação em Geografia. A referida pesquisa se dedica ao estudo do período de predominância da Escola Nova no Brasil, conforme temporalização de Saviani (2008) e na análise de suas particularidades na disciplina escolar Geografia.

Deste modo, diante da temática ampla desta pesquisa, realizaremos aqui um recorte específico de análise para ser apresentado no XIV Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia. Nos dedicaremos à cartografia escolar nesse período a partir de duas edições de uma das mais famosas obras de Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980): *Geographia do Brasil* (1930) e *Geographia do Brasil – 3ª série* (1943) e da obra *Geographia Regional do Brasil – 4ª série* (1943). Vale lembrar que essas obras possuem outras edições, porém, elegemos essas pois representam dois momentos do processo de consolidação do movimento da Escola Nova, sendo o começo dos anos 1930 em sua expansão e a partir dos anos 1942 com a Reforma Capanema e sua ampla difusão nos sistemas de ensino brasileiros (SAVIANI, 2008).

Desse modo, temos por objetivo central deste texto contextualizar e discutir os arcabouços históricos, sociais e culturais que envolveram a constituição da disciplina de Geografia no ensino secundário do país a partir da cartografia escolar de obras de Delgado de Carvalho enquanto representação e linguagem simbólica da identidade da disciplina na escola.

Este artigo se constitui como um ensaio teórico e analítico escrito a partir de procedimentos de uma pesquisa bibliográfica e documental norteada por questionamentos e conjecturas acerca dos subsídios teórico-metodológicos e processos investigativos imbricados no âmbito da história da Geografia Escolar e do desenvolvimento histórico das reformas educacionais e dos livros escolares analisados. Em segundo plano, este exercício teórico, bibliográfico e documental está articulado aos processos de desenvolvimento da pesquisa de doutorado.

Nesse sentido, nossa perspectiva teórico-metodológica delinea-se no entremeio das fundamentações da história das disciplinas escolares, imbricada e articulada à história do currículo, história cultural e cultura escolar. No âmbito da história das disciplinas escolares, consideramos, assim como Chervel (1990), que os conhecimentos escolares não são meras



simplificações dos conhecimentos científicos produzidos na academia, ao contrário, pressupomos que os conhecimentos escolares estabelecem relações de referências com os conhecimentos científicos, mas se constituem por objetivos e finalidades próprios ao ensino escolar e seus contextos, produzindo e (re) produzindo culturas escolares. Assim, tomamos a cartografia escolar como um dos símbolos que configuraram e configuram esses enredos históricos e culturais da disciplina na escola, em especial, nos livros escolares.

Nesse sentido, acreditamos assim como Julia (2001), que cultura escolar representa:

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (JULIA, 2001, p.10).

Por meio das concepções da história das disciplinas escolares, consideramos os manuais e livros escolares enquanto materialização cultural, simbólica e histórica da escola, o que é apontado por Escolano (1992) como uma categoria específica dos elementos estruturais da instituição escolar, justificando sua pesquisa, ao passo que essas categorias sejam organizadas e pensadas segundo uma ordem engendrada no tempo escolar. Sendo assim,

El tiempo, al igual que otros elementos estructurales de la escuela (el espacio, la organización didáctica, los medios tecnológicos, los sistemas de disciplina y examen...), expresa algunas características relevantes de la educación formal en su dimensión práctica o real; no sólo porque es una categoría que materializa las concepciones y los modos de educación, sino también porque esa misma materialidad instituye un discurso pedagógico y cultural (ESCOLANO, 1992, p.55).

Tomamos a perspectiva cultural dos livros escolares como indicativos de caminhos investigativos à pesquisa na história da educação, e em especial na história da disciplina escolar de Geografia, o que nos possibilita um recorte específico aos aportes culturais que simbolizaram a cartografia escolar no âmbito da história dessa disciplina na escola.

Diante desses pressupostos, salientamos que a pesquisa ainda encontra-se em fase de análise dos dados e que, para esse texto, nos delimitaremos aos pressupostos teóricos, históricos e documentais no âmbito do recorte apresentado. Reforçamos ainda que não pretendemos tentar esgotar a temática, mas sim, buscamos contribuir para a sua problematização em âmbito científico.

Organizaremos, dessa maneira, o texto em dois momentos distintos: primeiramente, um esboço teórico e conceitual que busca apresentar as aproximações entre o movimento da Escola Nova e a Geografia escolar, dando especial atenção ao papel da cartografia escolar nesse período de constituição da disciplina; no segundo momento, nos debruçaremos às análises dos livros elegidos, buscando apresentar aspectos que configuraram a cartografia escolar e suas representações no âmbito da Geografia na escola.

2. Concepções: Escola Nova, Geografia Moderna e Cartografia Escolar.

Ao elegermos as duas edições da obra *Geographia do Brasil* e a obra *Geographia Regional*, de Delgado de Carvalho, buscamos compreender dois momentos específicos da constituição de Geografia Escolar a partir do movimento escolanovista. As aproximações teóricas que pretendemos abarcar nesse texto se delineiam a partir das relações entre os conhecimentos científicos e escolares sobre a cartografia na Geografia de Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980), reconhecidamente um dos principais autores de livros escolares da disciplina no período citado.

Pontuschka (2009) ressalta a influência de Delgado de Carvalho e sua importância na consolidação da Geografia acadêmica e escolar desde a década de 1920. Delgado de Carvalho formou-se em universidades francesas e norte-americanas, e aqui no Brasil, elaborou uma vasta obra de livros e manuais escolares que eram considerados os mais modernos em termos de Geografia no Brasil até então.

Para Pontuschka (2009), Delgado de Carvalho representava a influência de uma Geografia Moderna, de origem francesa, cuja perspectiva se alinhava à diferenciação de áreas pelas regiões naturais. Além disso, do ponto de vista educacional, Romanelli (1984) aponta Delgado de Carvalho como um dos poucos intelectuais responsáveis pela inserção do movimento Escola Nova, de influência americana, no Brasil e o representante da Geografia na discussão e elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. Sob essas perspectivas, sua obra pressupõe, mesmo sob influência de uma Geografia tida como “clássica”, uma renovação nos métodos de ensino que se fundamentavam no pragmatismo científico atrelado a concepções sociológicas e psicológicas na educação.



Neste sentido, o conceito de ‘região natural’, para Delgado, estabelece uma forte presença dos elementos naturais da paisagem no condicionamento da representação dos fatores humanos na mesma. Representando os ideais da Geografia Moderna ou clássica, o autor afirma em sua obra que o conceito de região natural supera a Geografia de nomenclatura de outrora, quando a ciência geográfica deixa de ser descritiva e passa a ser também explicativa, servindo como “uma imagem composta, uma síntese esboçada que vai servir de cenário à ação do homem” (CARVALHO, 1944, p.16).

Albuquerque (2011) afirma que Delgado entendia a finalidade do ensino de Geografia a partir da relação entre a terra e o homem – para ele a paisagem – que compunha o todo regional. A descrição e caracterização da paisagem na Geografia Escolar passa por adaptações seriadas de acordo com o nível de aprendizagem do aluno, e sua compreensão deveria ser de uma escala menor para uma escala maior. Ou seja, de certa maneira, o pensamento de Delgado era de que a região natural era o dimensionamento em síntese da relação homem/natureza, por isso, entendemos que a cartografia escolar do autor perpassa a representação dessas compreensões.

É importante ressaltarmos, e isso tem sido um dos temas pesquisados em nossa investigação de doutorado em andamento, que especificamente a Geografia Escolar passava por dois momentos de transformação distintos, porém relacionados: a Geografia Moderna escolar, como representatividade da relação com o movimento de institucionalização científica da disciplina, e do ponto de vista pedagógico, a Escola Nova, que teve influência em maior ou menor grau em todas as instâncias de ensino brasileiras ao longo do século XX. Esses dois processos históricos, os quais não nos aprofundaremos aqui pois ainda são tema de investigação em andamento de nossa pesquisa, estão imbricados na constituição da cultura escolar geográfica e, conseqüentemente influenciaram a difusão da cartografia escolar no país.

De uma maneira geral, tanto o movimento da Escola Nova quanto os defensores da Geografia Moderna, defendiam uma renovação do ensino baseada em pressupostos positivistas que superassem o excesso de nomenclaturas contidas nos conteúdos das disciplinas e os processos de ensino e aprendizagem que até então eram focados na memorização. Para essas correntes, a aprendizagem devia acontecer por meio da experiência ativa do aluno, por meio de conteúdos científicos que fizessem sentido para a realidade do aluno e a partir da aprendizagem relacionada aos estudos e observações do meio onde o aluno vivia.

Concordamos com Albuquerque (2011) ao afirmar, porém, que o processo de constituição da Geografia Escolar é repleto de permanências e mudanças ao longo do tempo, o que nos leva a pressupor que esses dois movimentos que influenciaram a cartografia escolar nesse período, também não são homogêneos em sua constituição da disciplina escolar de Geografia. Para a autora, é evidente que entre as propostas teóricas e o currículo prescrito e a difusão e prática pedagógica dos professores sempre houve distanciamentos que diversificaram os símbolos culturais e as metodologias presentes nos livros escolares e nas práticas escolares.

Diante disso, tendo como foco realizar considerações sobre a cartografia escolar nas referidas obras de Delgado de Carvalho, é importante reconhecermos o caráter cultural e de historicidade de representação da própria cartografia escolar enquanto objeto de análise. Acreditamos, assim, que a cartografia escolar e suas representações explicitadas nos livros escolares não são neutras, mas repletas de intencionalidades balizadas pelo contexto histórico, pelas posições dos autores, pela cultura escolar e pelo processo editorial das obras e, assim, repletas de discursos, objetivos e historicidade. Nesse sentido:

[...] o mapa é uma representação da superfície da terra, conservando com essas relações matematicamente definidas de redução, localização e de projeção no plano. Sobre esse mapa base, assim obtido, pode-se representar uma série de informações, escolhidas por interesses ou necessidades das mais diversas ordens [...] (ALMEIDA, 2004, p.13).

A partir disso é possível considerar que as representações cartográficas se configuram como um conjunto de linguagem cujos conhecimentos perpassam interesses e contextos históricos. Nesse sentido, acreditamos que também possamos considerar que a história da cartografia escolar se configura por permanências e mudanças visto que se confronta diretamente com as realidades da prática escolar e dos livros escolares de Geografia no período que estamos investigando. Dessa forma:

[...] a elaboração dos mapas não é determinada apenas pela técnica; os mapas expressam ideias sobre o mundo, criadas por diversas culturas em épocas diferentes. A produção cartográfica sempre esteve ligada a interesses políticos e militares, influências religiosas e mesmo a questões práticas, como, por exemplo, a navegação. Os mapas, portanto, só podem ser devidamente compreendidos se vistos no contexto histórico e cultural em que foram produzidos o que significa entender também os limites técnicos de cada época, evitando o equívoco de confundir essas limitações políticas (ALMEIDA, 2004, p. 13).



Diante disso, os pressupostos que assumimos para a análise neste trabalho não são relacionados à técnica da produção cartográfica em si, mas fundamentados no âmbito da história das disciplinas escolares e da cultura escolar, nossa intenção é discutir a cartografia como linguagem de representação de discursos, de objetivos, de finalidades educacionais e de metodologias de ensino de acordo com o contexto histórico por nós estudado, que perpassa os movimentos educacionais da Escola Nova e as transformações ocorridas com a ascensão da Geografia Moderna.

3. Indícios da cartografia escolar de Delgado de Carvalho e os contextos da Escola Nova e da Geografia Moderna.

Diante dos objetivos, dos pressupostos teórico-metodológicos e dos recortes que anunciamos ao longo do texto, vamos discutir a partir da cartografia escolar presente em livros didáticos de Delgado de Carvalho, três considerações específicas sobre as representações cartográficas nesse período: cartografia como símbolo de uma orientação positivista de ensino; funções e finalidades da cartografia escolar no âmbito da disciplina de Geografia; e as divisões regionais como representações cartográficas que (re)produziram currículos no âmbito da Geografia Escolar.

3.1 A cartografia escolar e a educação positivista.

Segundo autores como Saviani (2008) e Romanelli (1984), as primeiras décadas do século XX, sobretudo a partir dos anos 1930, se configuraram a partir de movimentos que defendiam uma educação cujos conteúdos tivessem estrita relação com o desenvolvimento das ciências, as quais estavam no auge de seu desenvolvimento positivista.

Do ponto de vista do desenvolvimento da Geografia Moderna, esse interesse por uma educação positivista era compartilhado no âmbito da didática da Geografia e nesse sentido, para Beltrán (1995), a cartografia escolar junto com a Geografia Física conferiam à disciplina de Geografia na escola um papel importante no desenvolvimento de uma educação positivista devido às suas relações com a sistematização da ciência e dos conhecimentos técnicos da disciplina. Vale lembrar, que uma “educação positivista” era vista por essas correntes como uma maneira de “modernizar” o ensino e ao mesmo tempo “legitimar” as disciplinas escolares,

visto que a introdução de conhecimentos baseados nas ciências iria conferir “credibilidade” e “confiabilidade” à educação perante a sociedade.

Delgado de Carvalho, autor inserido diretamente na defesa das duas correntes educacionais, deixa clara essa relação com a educação positivista em uma nota explicativa no início da sua obra *Geographia do Brasil* de 1930, afirma que os alunos deveriam basear seus estudos na confrontação de dados estatísticos para a interpretação da realidade geográfica. Apesar de não mencionar a cartografia nesse momento como uma das linguagens de suporte para isso, analisamos que em diversos momentos os mapas são configurados com o objetivo de expor e contextualizar dados estatísticos. Vejamos a seguir:

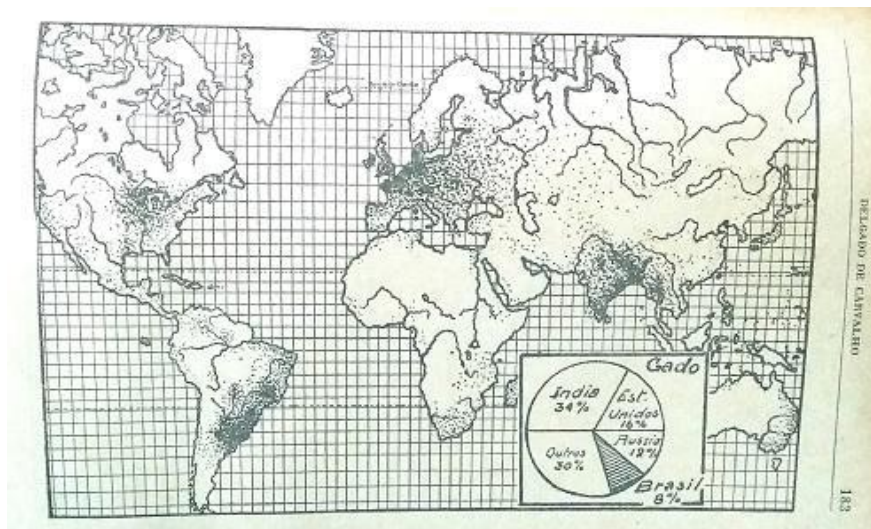


Fig. 1 Mapa de distribuição do rebanho bovino mundial.
Delgado de Carvalho, Geographia do Brasil, 1930.

O mapa, diante dessa perspectiva de educação positivista, propõe que o aluno interprete a disposição de dados estatísticos no mundo por meio da representação cartográfica. Inferimos que os objetivos educacionais expostos por Delgado, confere legitimidade e “cientificidade” ao conhecimento geográfico por meio dos mapas como linguagem para uma interpretação estatística de um conteúdo.

Entre os objetivos dessa educação positivista permeada pela Geografia Moderna e pela Escola Nova, segundo Beltrán (1995) está a inserção de dados e conhecimentos oriundos de pesquisas científicas para transformar a linguagem do ensino de Geografia na escola, superando as nomenclaturas. Delgado realiza isso diversas vezes em sua obra e a cartografia escolar, pelo



menos nas obras analisadas, passa a ter uma finalidade de representação de conhecimentos oriundos da ciência geográfica.

Porém, acreditamos que o principal vínculo da cartografia de Delgado de Carvalho com os pressupostos de uma educação positivista se configura a partir da Geografia Física, como podemos observar a seguir:

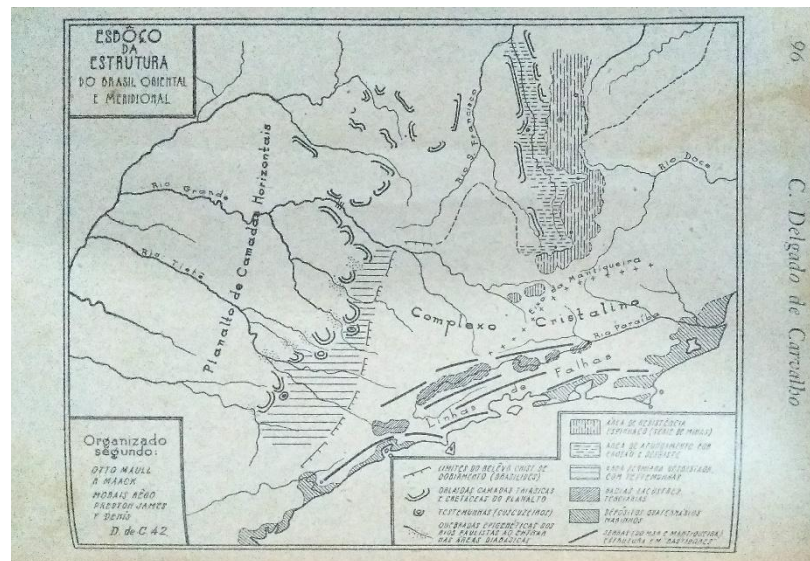


Fig. 2 Estrutura Geológica do “Brasil Oriental e Meridional”
Delgado de Carvalho – *Geographia Regional do Brasil* – 4ª série (1943).

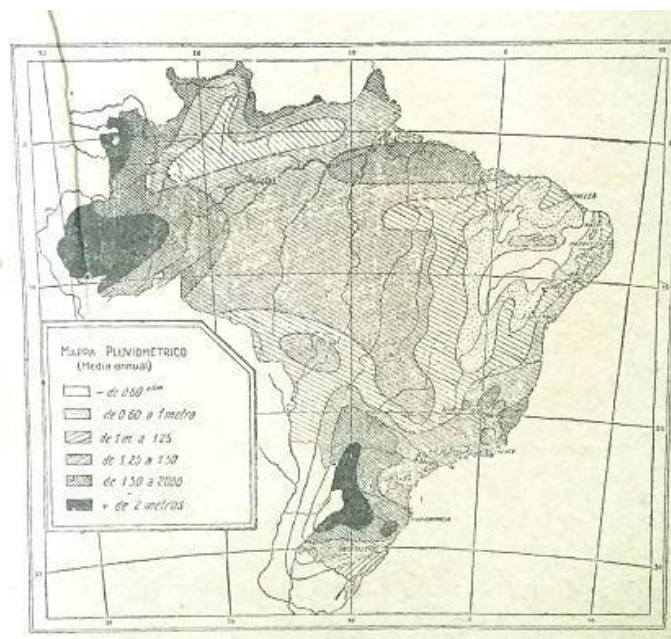


Fig. 3 Mapa pluviométrico do Brasil.
Delgado de Carvalho, *Geographia do Brasil*, 1930.

As obras de Delgado possuem diversos exemplos, como os das figuras 2 e 3, em que a cartografia escolar dedica especial atenção aos conteúdos da Geografia Física, mantendo na representação uma linguagem que articula dados científicos sobre o espaço analisado com o objetivo de que o aluno interprete a disposição desses dados ditos como científicos.

É possível interpretarmos assim, conforme o que propõe Escolano (1992), que a cartografia escolar nesse período, diante dos interesses do movimento da Escola Nova e da Geografia Moderna, representou uma linguagem que materializou nos livros didáticos de Delgado de Carvalho, uma série de discursos pedagógicos e culturais que pregavam uma renovação dos conteúdos de ensino de Geografia, superando as nomenclaturas descritivas. Dessa maneira, é possível considerarmos a cartografia escolar de Delgado, nesse momento histórico, como um dos símbolos dessa renovação de linguagem no ensino de Geografia, valorizando um discurso positivista de educação.

3.2 As funções educativas e metodológicas da cartografia escolar: renovações?

Acreditamos, assim como Rocha (1996), que houve grandes avanços no que tange ao uso da cartografia em livros escolares no início do século XX, sobretudo, devido aos avanços tecnológicos que possibilitaram melhores edições e gradualmente possibilitaram uma qualidade de impressão mais detalhada, o que acreditamos influenciar em transformações do uso técnico dos mapas com mais qualidade, bem como em maior quantidade nos livros e manuais didáticos.

Se por um lado a melhoria da qualidade editorial pode ter ajudado na transformação dos usos da cartografia em livros escolares, contribuindo simbolicamente para uma Geografia escolar culturalmente alinhada aos pressupostos renovadores da educação positivista, por outro lado acreditamos ser questionável, no mínimo, os seus usos enquanto linguagem e dispositivo metodológico que renovassem as finalidades de ensino da Geografia.

Conforme assumimos anteriormente, acreditamos que o período de predominância dos ideais da Escola Nova e da Geografia Moderna são repletos de mudanças e permanências. Saviani (2008) caracteriza esse período afirmando que a escola passou por uma “modernização conservadora”, que nada mais é que um processo de transformação educativa que renovou alguns princípios e manteve outros de acordo com os interesses e práticas próprias da escola, ou seja, da própria cultura escolar.



Nesse sentido, em um viés eminentemente positivista de análise histórica, considerando Delgado de Carvalho como um dos maiores defensores dos pressupostos da Escola Nova e da Geografia Moderna nesse período da disciplina, poderíamos conjecturar que a cartografia difundida em seus livros levaria em conta uma representação cartográfica com conteúdo e finalidades de ensino totalmente renovados, de acordo com esses movimentos. Porém, ao contrário do que poderíamos inferir nessa perspectiva positivista da história, no âmbito da cultura escolar e da história das disciplinas acreditamos que não é possível fazer tais afirmações, pois, como veremos a seguir, a história da disciplina não é linear e homogênea, mas sim repleta de oscilações e até mesmo contradições. Vejamos os exemplos a seguir:



Fig. 4 As regiões brasileiras
Delgado de Carvalho - *Geographia Regional do Brasil 4ª série* (1943)



Fig. 5 Mapa dialetológico do Brasil
Delgado de Carvalho - *Geographia do Brasil 3ª série* (1943)

Como podemos observar nas figuras 4 e 5, nos livros de Delgado de Carvalho os mapas estão sempre acompanhados de textos os quais podem nos fornecerem indícios sobre as finalidades de ensino que permearam as representações cartográficas em sua obra, bem como

os seus alinhamentos com as teorias renovadoras da educação ligadas à Escola Nova e à Geografia Moderna.

De uma maneira geral, recordamos que esses movimentos possuem como princípio básico a ideia de que o aluno passe a ser sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem, buscando nas bases positivistas da experimentação, observação e dedução as explicações para os conteúdos escolares (BELTRÁN, 1995).

Nesse cenário de renovação era de se esperar que a cartografia escolar se renovasse, construindo metodologias ativas de produção de representações do espaço por parte do aluno. No entanto, nas obras analisadas, não encontramos indícios de que a cartografia escolar nesse momento histórico do autor propunha, nos livros didáticos, algum elemento relacionado a uma produção ativa dessa representação por parte do aluno.

Apesar da melhoria gráfica e editorial dos mapas e dos avanços dos conteúdos diante de uma educação positivista, a metodologia de uso dessas representações nos livros didáticos continuaram expositivas e descritivas, com intenção de observação passiva do aluno. Nas figuras 4 e 5, assim como em outros mapas das obras analisadas, os mapas aparecem como uma ilustração complementar ao texto, nesse sentido, há uma permanência de uma perspectiva passiva do aluno frente à interpretação do mapa.

Ainda ao analisar os mapas e os textos que os acompanham, os indícios nos mostram que nessas obras de Delgado de Carvalho, os mapas nem são referenciados no texto, ou seja, o texto que acompanha os mapas não convida os alunos a lerem os mapas e não convida os alunos a questionarem os mapas. A nosso ver, apesar da crescente utilização dos mapas nesse período, é possível conjecturar que seus usos mantiveram características da cultura escolar dita “tradicional”, preservando o caráter passivo do aluno frente ao conhecimento da representação cartográfica.

Assim, nossas análises estão caminhando para o entendimento da cartografia escolar nesse período da disciplina, por meio dos livros escolares de Delgado de Carvalho, a uma caracterização de movimentos históricos de “modernização conservadora” no âmbito do desenvolvimento autônomo da disciplina.

Vale lembrar que isso não significa que todos os livros e todos os autores dessa época seguiram esse mesmo padrão dessas obras de Delgado de Carvalho, porém, vale lembrar também que ele é um dos mais importantes autores desse período e tem reconhecida



participação na constituição histórica da disciplina. Mas é possível observarmos diversas oscilações e contradições históricas próprias das intencionalidades da cultura escolar da disciplina.

4. Considerações Finais

Com esse artigo, elucidamos pressupostos teóricos e documentais acerca da constituição histórica da cartografia escolar como linguagem simbólica e material da Geografia enquanto disciplina escolar legitimada nos currículos por meio dos livros escolares, em especial, as obras de Delgado de Carvalho, refletindo acerca de suas oscilações, contradições, renovações e permanências no entremeio deste processo histórico-educacional.

Ao defendermos que a cartografia escolar se constituiu nesse período diante de processos dialéticos de “modernização conservadora” e de “positivismo educacional”, conjecturamos as contradições expressadas nos mapas e análises fundamentadas em autores da área educacional e pelos indícios explorados a partir de três livros didáticos de Delgado de Carvalho, considerados na análise.

Acreditamos que esses pressupostos de “modernização conservadora” e “positivismo educacional” se configuram como aspectos materiais e simbólicos aos quais nos propomos avançar diante de nossa pesquisa de doutorado, buscando contribuir academicamente para a discussão histórica da disciplina e levantando novos questionamentos. Ressaltamos que não consideramos nossas considerações como finalísticas ou como “verdades”, mas interpretações sócio-históricas abertas à discussão acadêmica e limitadas diante do formato de artigo e dos objetivos propostos.

5. Referencias

ALBUQUERQUE, M. A. Martins de. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; KAERCHER, Nestor André.. (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio..** 1ed.Porto Alegre: Penso, 2011, v. 2, p. 13-30.

_____. Dois momentos na história da geografia escolar: a Geografia clássica e as contribuições de Delgado de Carvalho. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul./dez., 2011.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola.** 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2004. (Caminhos da Geografia).

BELTRÁN, Julia Melcón. **Renovación de la enseñanza de la geografía en los orígenes de la España contemporánea**. Madrid, España: Ediciones Universidad Autónoma de Madrid, 1995.

CARVALHO, Carlos Miguel Delgado de. Uma concepção fundamental da geografia moderna: “a região natural”. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, v. 2, n. 13, p. 9-17, abr. 1944. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/colecao_digital_publicacoes.php>. Acesso em: ago. 2009.

_____. **Geographia do Brasil**. 5ª ed. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1930.

_____. **Geographia do Brasil – 3ª série**. 2ª ed. Editora Nacional, São Paulo, 1943.

_____. **Geographia Regional do Brasil – 4ª série**. Editora Nacional, São Paulo, 1943.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, n. 2, 1990. p. 177-229.

ESCOLANO, Agustín Benito. Tiempo y educación. Notas para una genealogía del almanaque escolar. **Revista de educación**. N.298, 1992, p.55-79.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro**. (Dissertação – Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996. 298f.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil**. 5 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).